

## MULHERES EDUCADAS E DEVOTAS: A REFORMA DOS DISCURSOS CATÓLICOS E A IMPLEMENTAÇÃO DE MODELOS FEMININOS MODERNOS EM TERESINA

### EDUCATED AND DEVOUT WOMEN: REFORMING CATHOLIC DISCOURSES AND IMPLEMENTING MODERN FEMININE MODELS IN TERESINA

Pedro Vilarinho Castelo Branco<sup>1</sup>

**Resumo:** No final do século XIX e na primeira metade do século XX, as mulheres foram alçadas à condição de aliadas da Igreja católica, ponto de apoio para desenvolver prática discursiva voltada à construção da ordem social e ao combate a laicização da sociedade. Objetivando capturar as mulheres para a causa católica, a instituição efetivou estratégias como: a instalação de escolas confessionais, de associações religiosas orientadas ao público feminino e a divulgação de discurso prescritivo, que definiam parâmetros comportamentais esperados para a mulher moderna, enquadrada no perfil de uma mulher católica. Na construção do argumento, utilizaremos artigos de jornais que circularam em Teresina, obras literárias, estatutos de escolas confessionais e, ainda, depoimentos orais que nos ajudaram a entender a problemática da formação feminina no referido período.

**Palavras chave:** Mulheres. Escolarização. Catolicismo.

**Abstract:** At the end of the 19th century and in the first half of the 20th century, women were elevated to the status of allies of the Catholic Church, a point of support for developing a discursive practice aimed at building social order and combating the secularization of society. Aiming to capture women for the Catholic cause, the institution implemented strategies such as: the installation of denominational schools, religious associations oriented to the female audience and the dissemination of prescriptive discourse, which defined behavioral parameters expected for modern women, framed in the profile of a Catholic woman. In the construction of the argument, we will use articles from newspapers that circulated in Teresina, literary works, statutes of confessional schools and also oral testimonies that helped us to understand the problem of women's education in that period.

**Key words:** Women. Schooling. Catholicism.

No fim do século XIX e início do século XX, os modelos de socialização feminina tradicionalmente vivenciados na sociedade brasileira eram profundamente vinculados à família e ao espaço da casa, e mostravam-se incompatíveis com os valores e práticas modernas.

---

<sup>1</sup> Doutor em História, Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPI.

## **Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

Nessa perspectiva, era necessário repensar a percepção da infância, dar outro sentido às práticas que orientavam a transformação das meninas em mulheres. Assim, literatos e intelectuais de perfil diversificado, como positivistas, liberais e católicos empenhavam-se em definir os parâmetros adequados para a socialização e a formação escolar feminina.

Atenta a essa problemática, a Igreja Católica, preocupada em combater a laicização da sociedade, percebeu nas mulheres e na sua formação um ponto de apoio para desenvolver uma prática discursiva voltada à ordem social, lastreada nos princípios da fé.

Para concretizar ações a fim de capturar as mulheres para a causa católica, a instituição efetivou algumas estratégias como: a instalação de escolas confessionais, de associações religiosas orientadas ao público feminino e divulgação, por vários meios de discurso prescritivo que definiam parâmetros comportamentais esperados para a mulher moderna, enquadrada no perfil esperável de uma mulher católica.

Para a construção do argumento, utilizaremos artigos de jornais que circularam em Teresina no período em análise, bem como obras literárias, estatutos de escolas confessionais e, ainda, depoimentos orais que nos ajudaram a entender a problemática da formação feminina na cidade de Teresina nos anos finais do século XIX e na primeira metade do século XX.

A documentação informa que no início do período em epígrafe, as crianças viviam mergulhadas nas sociabilidades do meio rural ou em pequenas cidades. A ausência de condições médico-sanitárias apropriadas tinha como consequência a insegurança quanto à sobrevivência dos infantes até a vida adulta (FALCI, 1991, p.14).

A infância era momento de aprendizado, incorporação de práticas e valores que se faziam presentes na vida cotidiana, condicionando a existência dos indivíduos. Dessa forma, o estudo tinha o escopo de ensinar os infantes a se movimentarem em um mundo heterogêneo e estratificado, em realidade na qual as pessoas eram marcadas, entre outras categorias, pelo gênero, que separava os indivíduos em homens e mulheres.

Então, as meninas eram direcionadas, desde cedo, a assimilar referências quanto ao corpo e às implicações que teriam na vivência social. Em razão disso, reproduziam nas brincadeiras as atividades femininas que percebiam no cotidiano da

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

casa. Segundo Miridan Brito, no mundo tradicional do sertão piauiense, a vida infantil feminina transcorria no exercício de atividades lúdicas que proporcionavam o aprendizado primário da vida adulta. Passavam o tempo a brincar com bonecas de louça, de palha de milho ou de sabugos; ainda desempenhavam atividades onde brincadeira e aprendizado se confundiam, já que a elas estavam reservados o auxílio a trabalhos domésticos, junto às negras cozinheiras e às sinhás, onde aprendiam a cozinhar, a manejar as ervas, a fazer chás e mezinhas curativas para os debilitados, assim como a cuidar dos irmãos mais novos, limpar a casa, costurar, bordar, fazer crochê (FALCI, 1997, p.251).

Outro aspecto definidor dessas identidades de gênero era a percepção das especificidades do corpo. As meninas, particularmente as provenientes dos grupos de elite, deveriam manter recato no que se refere à sexualidade. À moça de família estaria reservado o afastamento das práticas sexuais, caracterizando-se por ser ignorante quanto à fisiologia e aos usos do corpo. Nesse aspecto, o aprendizado seria promovido em conversas com mulheres mais experientes, com amigas ou familiares, mas sempre de forma segredada (FALCI, 1997, p.256). Não competia a elas se mostrarem experientes em assuntos relacionados à libido, e mesmo certa ignorância quanto ao próprio corpo era desejável.

As diferenças entre os gêneros na infância manifestavam-se, inclusive, nas expectativas quanto ao ingresso na vida escolar (COSTA FILHO, 2006). A preocupação paterna com a escolarização das meninas não tinha a mesma intensidade que a dispensada aos meninos: enquanto estes eram encaminhados aos centros urbanos para cursar a escola secundária e, em alguns casos, alcançarem níveis superiores, aquelas não contavam com o mesmo empenho familiar (BESSE, 1999, p.107). A elas estavam reservadas as aulas de primeiras letras e o aprendizado de prendas femininas ou, ainda, aulas de música que lhes facultassem dotes adicionais (CASTELO BRANCO, 2013, p.77).

Assim, as trajetórias femininas, nos grupos de elite e médios, nas décadas finais do século XIX, apontam para práticas pouco empenhadas com a formação

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

escolar. Abdias Neves,<sup>2</sup> no romance *Um manicaca*, cria a personagem Júlia para representar a forma como as mulheres eram educadas, pois somente aos 13 anos de idade, a moça é matriculada pelo pai no curso de primeiras letras de Sinhá Borges. Lá, aprende rudimentos de escrita, leitura e aritmética. Estuda por apenas dois anos e se volta para a casa, para o aprendizado das lides domésticas, para a vida cotidiana, à espera de um pretendente à altura de sua posição social (NEVES, 1985, p.33).

De modo geral, essa realidade só começou a ser efetivamente modificada nas primeiras décadas do século XX, pois dentro de contexto de mudanças estruturais que procuravam aproximar o Brasil do mundo moderno, a educação escolar passou a ser assunto para o qual se voltavam as atenções. Era preciso dar outro sentido à formação dos infantes: não mais um aprendizado feito no mundo prático, na convivência com os adultos, no seio da comunidade, mas criar espaços segregados – as escolas –, onde a formação das crianças se desse dentro de padrões pré-estabelecidos e que viessem a formatá-los como pessoas úteis ao Estado e à sociedade (BESSE, 1999, p.99).

Esse discurso é incorporado pelos governos republicanos, que percebem na consolidação do processo de escolarização uma marca de diferenciação entre Império e República, entre passado e presente. A proposta consiste em intensificar a construção de uma rede escolar e a formação de docentes capazes de consolidar definitivamente a escola no Brasil, rompendo com o atraso e promovendo o progresso e a regeneração nacional.

Em consonância com Áries, infância e escola moderna são duas invenções simultâneas, porquanto à medida que a sociedade cria a infância como fase específica da vida, na qual os indivíduos são percebidos como seres frágeis, que requerem cuidados especiais, orientação adequada para o bom desenvolvimento físico, intelectual e moral, cria também a escola, espaço institucional propício para desenvolver as potencialidades humanas. Logo, a nova percepção da infância é criada partindo de saberes como a pedagogia, que pensava a organização da escola,

---

<sup>2</sup> Abdias da Costa Neves nasceu em 1876, em Teresina. Bacharel em Direito (Recife, 1898), fundou escolas privadas, entre elas o Internato Ateneu Piauiense. Foi Senador da República e autor de vários livros, entre os quais o romance *Um manicaca*.

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

os métodos de ensino, a hierarquização dos assuntos, tendo como objetivo formar indivíduos dentro de princípios morais e intelectuais estabelecidos (ARIÉS, 1986).

A pouca escolaridade feminina passou a ser, nas primeiras décadas do século XX alvo de críticas por parte de literatos como Higino Cunha e Clodoaldo Freitas, que desenvolveram prática escriturística<sup>3</sup> apontando as falhas e definindo o que seria a formação escolar pertinente a uma moça. Não obstante, por trás desse discurso havia a intenção de redefinir o conteúdo das funções femininas, de modo que embora as mulheres não deixassem de ser mães e esposas, era oportuno que dessem a essas funções tradicionais outra roupagem. Precisavam estar preparadas para o exercício da nova maternidade, onde somente a dedicação, o amor e a boa vontade não seriam suficientes. Essa preparação incluía o aprendizado de noções de higiene, nutrição, cuidados curativos, fundamentados em princípios científicos – tratava-se de um compromisso familiar e patriótico com a regeneração da nação (BESSE, 1999, p.113).

A prática escriturística dos literatos dava-se no sentido de criticar as formas tradicionais e apontar a necessidade de melhorar a formação feminina. Higino Cunha<sup>4</sup> atesta que as mulheres precisavam passar por processo de escolarização, entrar em contato com a ciência e com a cultura escrita, assim a escola, com seus métodos e com disciplina, poderia fazer delas mães e companheiras desejadas (CUNHA, 1924).

Na acepção de Clodoaldo Freitas<sup>5</sup>, a educação das mulheres sem a vivência escolar apropriada, sem os freios morais lastreados em aprendizado disciplinado que sustentasse o exercício da continência, aliada a ideias fantasiosas – recolhidas nos romances onde amores idealizados, paixões avassaladoras davam asas à imaginação e aos desejos –, poderiam levar as jovens a criar ilusões sobre a vida adulta, distanciando-se da vida real de mãe e de esposa (FREITAS, 1908, p.02).

Assim, no romance *Coisas da vida*, descreve a educação dispensada às moças como precária, não dando às mulheres o treinamento disciplinar para o exercício da

---

<sup>3</sup>A ideia de prática escriturística trabalhada no texto está fundamentada em: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 224-226.

<sup>4</sup>Higino Cícero da Cunha nasceu em 1858. Bacharel em Direito pela faculdade do Recife, em 1885, trabalhou em vários cargos públicos: foi professor do Liceu Piauiense, da Escola Normal e da Faculdade de Direito do Piauí. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

<sup>5</sup>Clodoaldo Severo Conrado Freitas nasceu em 1855, na cidade de Oeiras. Bacharelou-se em direito pela Faculdade do Recife, em 1880. Sua obra literária conta com obras de ficção, crônicas de assuntos variados.

## Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

vida adulta, o que as levava a se deixarem influenciar facilmente por discursos galanteadores. Os riscos de quebra do equilíbrio e da moral familiar apareciam na escrita de Clodoaldo, enquanto possibilidades reais, como percebemos no seguinte trecho do romance *Coisas da vida*:

As senhoritas divertiam-se durante o dia no trabalho ou lendo algum romance dos mais sentimentais e devotos. [...]. Nessas leituras prejudiciais, funestas aos espíritos juvenis, sem o contrapeso de uma educação séria, as moças saturavam-se de impressões violentas e carnis. A vida para elas era embrutecedora (FREITAS, 1908, p.02).

Para esses literatos, de perfil liberal e mesmo anticlerical, o espaço criado e reputado como apropriado à formação feminina, respaldado em princípios científicos e afastado de qualquer inspiração confessional, seria a Escola Normal, implantada em 1910, em Teresina, com a missão de propiciar formação que garantisse às mulheres educação escolar adequada, libertando-as de credices, permitindo que entrassem em contato com teorias e métodos científicos, além de valores morais.

Tratava-se, pois, de impor disciplina de tal modo que se imprimisse uma nova percepção do corpo, a partir de conhecimentos sobre psicologia infantil, higiene, didática e outros saberes considerados fundamentais ao exercício das funções não só de professora, mas também de mãe e esposa.

O discurso dos literatos livres-pensadores passou a ser incorporado às práticas sociais. No entanto, o interesse em formar mulheres afastadas da religião, desapegadas da fé e da espiritualidade, não teria sucesso, tendo em vista que a força da tradição católica, renovada pela veemência da igreja em desenvolver estratégias de ação para evitar a laicização da sociedade, far-se-ia de forma intensa no Piauí do início do século XX (CASTELO BRANCO, 2013, p.147).

Para além das preocupações e prescrições dos intelectuais liberais, as moças eram objetos da ação escriturística da Igreja Católica, que desenvolvia argumentação em favor de modelos femininos propagados a partir de princípios religiosos. Essa prática discursiva dava-se no sentido de condenar qualquer iniciativa educacional da mocidade que não fosse alicerçada em princípios católicos, e na condenação de práticas modernas ligadas à emancipação da mulher e à divulgação de modelos femininos contagiados pela vaidade e pelo mundanismo. Separada do Estado desde

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

a Proclamação da República, e vendo a orientação religiosa ser excluída dos currículos escolares da rede pública de ensino, a Igreja apressou-se em incrementar sua rede de escolas por todo o Brasil (PINHEIRO, 2002, p.61).

As experiências de ensino confessional faziam parte da política de reestruturação da Igreja Católica, que intentava articular estratégia de ação eficazes com o intuito de impulsionar as fileiras de devotos, ao tempo em que disseminava na sociedade discurso favorável à disciplina, ao ordenamento social, e à construção da ideia de nação e de pátria, valores caros aos governos republicanos.

D. Adalberto Sobral, Bispo do Maranhão,<sup>6</sup> em carta pastoral do fim do século XIX, expressa a preocupação da igreja em conciliar a formação moral cristã, voltada ao preparo espiritual e transcendental da criança, com a subjetivação de homens e mulheres úteis à pátria, observadores da ordem, respeitadoras das leis e das autoridades constituídas da nação. Assim, a igreja mostrava que cristianismo e patriotismo não eram questões *antagônicas*, mas complementares (SOBRAL, 1947).

Outro traço da doutrina católica, relacionada à educação infantil, consistia na obrigação imputada aos pais de prover os filhos de meios necessários para tornarem-se adultos com formação suficiente para ingressar no mundo do trabalho. O que chama a atenção é o aspecto utilitarista da proposição católica, mostrando como a igreja se posiciona ao lado do Estado na doutrinação para o ordenamento social, para o direcionamento ao trabalho produtivo (CAES, 1995).

A igreja não abria mão de seus princípios doutrinários, nem sucumbia às propostas dos liberais e positivistas, mas concomitantemente, defendia propostas de valorização do trabalho produtivo, considerando-o dignificante ao homem. A prática da Igreja Católica aproximava-se, em grande parte, dos princípios presentes nas escolas públicas, onde já existia a graduação dos assuntos a serem apresentados aos alunos, tendo em vista o nível de dificuldade, a divisão das crianças por idade e, nomeadamente, a preocupação com o aprimoramento intelectual e o desenvolvimento da formação moral dos indivíduos, sem perder de vista os princípios da fé católica (PIMENTA, 1947).

---

<sup>6</sup>Até o ano de 1906, a Igreja Católica no Piauí estava vinculada ao Bispado do Maranhão.

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

No Piauí, a prática educacional da igreja encaixa-se na caracterização feita anteriormente, pois D. Joaquim,<sup>7</sup> primeiro Bispo do Piauí, pouco tempo após tomar posse, em 1906, criou quatro escolas confessionais: o Colégio Sagrado Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Graças, ambos dirigidos por freiras e voltados ao público feminino, localizados, respectivamente, nas cidades de Teresina e Parnaíba; e o Colégio Diocesano e o Seminário, instalados em Teresina e administrados por padres, voltados a atender à clientela masculina.

As duas escolas das freiras faziam parte do projeto de estruturação da Igreja Católica no Piauí e tinham como objetivo instruir as meninas, moldar comportamentos, fazer delas mulheres religiosas, exemplos de moral e virtude na sociedade. À vista disso, o modelo a ser seguido seria o das próprias freiras que estavam próximas e eram provas incontestáveis de abnegação, virtudes e sacrifícios em nome de um ideal maior que para a grande maioria das alunas, deveria ser o casamento e o exercício da maternidade, atividades que as mulheres deveriam empreender com renúncia, fazendo dessas funções um verdadeiro sacerdócio (CASTELO BRANCO, 2013, p. 57).

Além das práticas diretamente envolvidas com a questão educacional, os colégios confessionais desempenhavam uma vivência da fé católica junto às crianças, por meio da celebração de rituais religiosos, prática de oração e reflexão espiritual, assim como pela celebração dos sacramentos. Áries lembra a construção, por parte da Igreja Católica, de uma religiosidade imposta às crianças, onde a devoção ao anjo da guarda e, particularmente, o ritual da Primeira Eucaristia – que se tornou a grande festa religiosa da infância – seriam os pontos principais (ARIÉS, 1986, p. 153).

A vivência dos sacramentos, mormente da Primeira Eucaristia e da confissão, eram estratégias eficazes no trabalho de divulgação de princípios católicos. A catequese para a Primeira Eucaristia dava continuidade ao ensinamento sobre as práticas e verdades do catolicismo. Nesse sentido, tornava-se fundamental para criar, entre meninos e meninas, laços com a religião. As roupas brancas, as fotografias que imortalizavam o momento, o clima de sacralidade que se criava em volta do

---

<sup>7</sup>Sobre D. Joaquim, primeiro Bispo do Piauí, conferir: SANTOS NETO, Fonseca dos; LIBÓRIO, Paulo de Tarso Batista. *Joaquim*. Teresina: Nova Aliança, 2016.

## Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

acontecimento, deixava marcas na memória das crianças e davam elevado grau de importância ao evento. Tudo isso dirigido pelas autoridades eclesiásticas, que se apresentavam no posto de comando da solenidade – fato que favorecia as práticas e ideias católicas ultramontanas (GAETA, 1992).

Elias Martins<sup>8</sup> era um dos articuladores dessa prática de escriturar, de definir os parâmetros para a boa educação feminina. Sua argumentação, envolta nos princípios católicos, inicia por elaborar severas críticas às escolas leigas, onde, para ele, a falta da religião acabaria por levar à derrocada moral da juventude. Se a formação de um homem sem crenças seria incompreensível, a formação de uma mulher afastada da religião tomaria proporções absurdas, porquanto perderiam o perfume das virtudes cristãs, e deixar-se-iam, fatalmente, saturar pela atmosfera do modernismo (MARTINS, 1910, p. 2).

Elias Martins não era contrário ao aprendizado de saberes fundamentados em princípios científicos. O que não aceitava era a exclusão dos fundamentos católicos, pois concebia que se as mulheres não aprendessem o apego à religião, tornar-se-iam vulneráveis aos apelos do mundanismo.

As escolas confessionais, criadas no início do século XX, no Piauí, contavam com alunas internas e externas, e mesmo dedicando-se majoritariamente ao ensino infantil, estendiam sua grade curricular por sete anos, ou seja, as mulheres entravam crianças, aos sete, oito ou nove anos de idade, e saíam aos 14 ou 15 anos de idade, prontas para ingressar no mercado matrimonial. Somente nos anos 1930, essas escolas contariam com o ensino normal e aulas de prática comercial.

O estatuto do Colégio Sagrado Coração de Jesus define em seus primeiros artigos a relevância de inculcar nos corações das alunas as convicções da fé e da moral católicas, sendo chamadas a fazer de suas ações cotidianas momentos de introspecção e vivência desses conceitos e valores. Nesse prisma, as orações começavam com o toque de despertar, às 5h 30, momento em que a mestra encarregada acordava as alunas internas e começava a recitar orações que seriam respondidas pelas demais; às 6h, as alunas internas reuniam-se na capela, onde

---

<sup>8</sup>Elias Martins nasceu em 1869, e faleceu no ano de 1936, em Teresina. Bacharel em direito, jornalista de larga militância em jornais de Teresina, particularmente no jornal *O apóstolo*, e defensor fervoroso das ideias católicas. Publicou, entre outras obras, o livro *Guerra Secatária* (1910) e o livro *Fitas* (1920).

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

assistiriam ao sacrifício da missa; as orações continuavam às 11h, quando rezavam o terço do dia e, em seguida, deslocavam-se ao refeitório para o almoço. Na parte da tarde, às 15h, estavam todas formadas para leituras religiosas e para as aulas de catecismo. À noite, após o jantar e antes de se recolherem aos aposentos, eram encaminhadas à capela, onde recitavam as orações da noite e, em seguida, depois de uma rápida refeição onde era servido chá, as moças se dirigiam aos aposentos para dormir (ESTATUTOS E REGRAS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1906).

Os estatutos do Colégio Sagrado Coração de Jesus prescreviam, ainda, a forma contida e disciplinada como as alunas deveriam se comportar e se movimentar no espaço interno do colégio, bem como durante as atividades de estudo, lazer e durante as refeições, sempre observando a ordem, o silêncio e a modéstia, sempre procurando moldar o corpo e o comportamento dentro de padrões pré-estabelecidos. (FOUCAULT, 2011, p.145)

Além da contenção física e do contínuo exercício da oração, as alunas eram direcionadas a congregar hábitos de higiene corporal e de cuidados com a roupa, com a cama onde dormiam, e mesmo a vigilância com relação a hábitos e modos nos momentos de refeição. Isso posto, os estatutos definem o horário e as práticas de higiene com os dentes, os cabelos, as unhas; os horários de banho; a forma adequada como se comportar à mesa – com modéstia, higiene e atenta a pequenos detalhes, a exemplo de não sujar a mesa com restos de alimentos. Importante também era o aprendizado dispensado no cuidado com as camas, que deveriam ser mantidas limpas, organizadas, com os lençóis dobrados, e as roupas usadas, depositadas em lugar adequado (FOUCAULT, 2011, p.164).

A preocupação com a disciplina dos espaços íntimos pode ser percebida como estratégia por meio da qual ao tempo em que se domesticavam os hábitos, ensinavam-se práticas adequadas que deveriam ser levadas para o resto de suas vidas, no trato cotidiano de suas futuras residências, na condição de esposas e donas de casa.

Aliás, visando à boa formação das moças, podemos apontar, ainda, as aulas de costura, de cuidados domésticos, e a prática prescrita nos regamentos do colégio, onde as alunas mais velhas ficavam encarregadas de cuidar das alunas mais novas

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

e zelar por elas, pois deveriam auxiliar as mais novas na arrumação das camas e dobra dos lençóis, e orientá-las no penteado dos cabelos e na higiene pessoal. Entendemos que essa prática seria, também, momento de aprendizado, onde as moças exercitavam e assimilavam a arte de cuidar.

As posturas de contenção corporal e espiritual eram observadas mesmo nos momentos de lazer, nos horários de recreio, os quais intercalavam os de aulas, quando as moças deviam observar algumas regras e evitar os excessos, como podemos captar no seguinte relato: *Art XXV. Nas horas de recreio devem praticar todas as regras da boa educação nas palavras e na compostura do corpo, e evitar alguns atos inconvenientes às meninas, os gritos, os cânticos da rua e outras coisas* (ESTATUTOS E REGRAS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1906).

As práticas disciplinares desenvolvidas na escola tinham como finalidade transformar as moças em mulheres devotas, contidas, saturadas pela vivência de um cotidiano onde o esquadrinamento do tempo, dos espaços, das práticas rotineiras, a levaram a atingir a subjetivação como moças recatadas, beatas, futuras mães de família e esposas dedicadas à causa da igreja e da família. A vida austera do internato, a busca da reclusão, do silêncio, da continência, indicava a oração e o desprezo à vida profana e festiva como o caminho a ser seguido.

A Sra. Miriam de Carvalho, que foi aluna interna no Colégio das Irmãs nos anos 1930, evidencia em suas memórias a vida cotidiana de disciplina e orientação religiosa a que as alunas internas da instituição eram submetidas. Em seu relato, faz referências aos horários, às constantes orações e à insistente prática da disciplina, que acabou por condicionar o seu corpo e a sua alma. A preocupação era homogeneizar ao máximo os comportamentos, manter a ordem e o respeito às autoridades escolares, e aos regulamentos, premiando as boas maneiras e punindo as indisciplinas, com admoestações verbais ou punições disciplinares.

Segundo a senhora Miriam de Carvalho, a austeridade que as freiras impunham às alunas, em alguns momentos, era segredadamente alvo de brincadeiras por parte das discentes que procuravam burlar a rigidez da disciplina, dando apelidos aos professores e professoras, cultivando, às escondidas, atitudes de resistência ao ambiente disciplinado da escola (CARVALHO, 2002).

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

A jovem católica não deveria se entregar às vaidades, às modas que procuravam exaltar partes do corpo feminino, despertando, nos homens, desejos. O corpo teria de ser percebido como a morada do Espírito Santo e, como tal, respeitado, com práticas que demonstrassem recato e pudor. Por essa razão, não era adequado usar maquiagem, pintar os lábios, usar joias ou qualquer outro adereço que valorizasse os atrativos corporais. Portanto, o corpo deveria ser mortificado, escondido, segredado.

Alvina Gameiro, no romance *A vela e o temporal*, descreve as experiências da personagem Rosaurea, que por volta dos doze anos de idade, é matriculada na Escola das Freiras, em Teresina. Na obra, relata as experiências de Rosaurea, demonstrando as observações de uma das freiras, Irmã Carminda, que não perdia oportunidade de chamar a atenção da moça para a sua beleza facial, apontando essa peculiaridade física como um entrave, uma dificuldade à manutenção de seu bom comportamento: *Tens uma grande pedra em teu caminho, filha (a pedra era o rosto), toma cuidado para não tropeçares! Uma beleza perfeita atrai como ouro, torna-se muitas vezes causa de dores e dificuldades [...]* (GAMEIRO, 1996, p.27).

Se a missa e a eucaristia ganhavam frequência diária, a cada quinze dias, as alunas eram direcionadas ao confessionário, onde deveriam exercitar o sacramento da penitência. A frequência ao referido sacramento, além de ser atitude de humildade diante dos sacerdotes e orientadores espirituais, era momento privilegiado para os direcionamentos adequados e para as correções de comportamentos indevidos. No segredo da confissão, as moças poderiam, de forma segredada, revelar práticas e desejos íntimos que atormentavam a alma e o corpo, e assim receberem as devidas orientações.

Aliás, para alcançar os objetivos de bem formar moralmente as alunas, o colégio lançava mão de associações religiosas, tais como a Pia União das Filhas de Maria, que fora criada e funcionava dentro do próprio colégio. De acordo com o manual da referida associação, ela direcionava-se, exclusivamente, a mulheres jovens de, no máximo, 30 anos de idade. As meninas, logo após a Primeira Eucaristia, eram incentivadas a ingressar na instituição. O ar solene da Primeira Eucaristia tinha continuidade com o ingresso no grau de aspirante à Filha de Maria, onde o ambiente

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

sacralizado convidava a um encontro íntimo com Deus, e com a vivência cotidiana e contínua da fé (MANUAL DAS FILHAS DE MARIA, 1920, p.15).

A associação contava com rígido código de disciplina e exigia das afiliadas que assumissem cotidiana e ininterruptamente os deveres de boas filhas de Maria. O exemplo a ser seguido pelas moças seria o de Maria Santíssima ou o de Santa Inês,<sup>9</sup> patrona da associação. As duas santas são exemplos de mulheres que teriam na castidade e na obediência cega aos desígnios de Deus suas qualidades supremas.

Das Filhas de Maria cobrava-se, em primeiro lugar, que cumprissem rigorosamente as funções familiares, respeitassem os pais e as regras determinadas pela família; em seguida, que fossem filhas de Maria continuamente; que se comportassem com recato no convívio social, evitando comportamentos reprováveis, tais como faltar a compromissos religiosos, orações, missa e comunhão diárias (MANUAL DAS FILHAS DE MARIA, 1920, p.46).

Em síntese, essa associação tinha como desígnio principal auxiliar na formação espiritual e moral das moças, fazendo-as perceber a grandeza da vivência fervorosa da fé católica, do apego aos sacramentos, o quão positivo seria aos olhos de Deus a prática de valores como a abnegação, a obediência, o pudor, a simplicidade e o recato, os quais, após introjetados na mente, deveriam estar presentes no corpo, na vida, nas experiências diárias.

Na prática escriturística dos católicos, o acesso aos espaços de lazer também deveria ser restrito, singularmente a frequência ao cinema. Aspectos como a sala escura dificultando a observação dos comportamentos; os enredos dos filmes enaltecendo modelos femininos marcados pela vaidade, pelo mundanismo, mostrando cenas de contatos afetivos, onde a libido era exaltada por cenas de beijos, insinuações, contatos íntimos – em síntese, comportamentos contrários aos princípios católicos de pudor e recato eram vangloriados (QUEIROZ, 2017).

A constatação de alguns cronistas do início do século XX, desolados, criticando o fato de a Praça Rio Branco, espaço de convivência da juventude em Teresina, ter ficado esquecida no dia da festa de Santa Inês, padroeira da Associação das Filhas

---

<sup>9</sup>Santa Inês viveu no Século III da Era Cristã, e morreu como mártir, aos 13 anos, depois de recusar os insistentes pedidos de casamento de um jovem aristocrata romano. Sua recusa estaria supostamente ligada à sua fervorosa convicção no valor supremo da castidade.

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

de Maria – pois as moças estavam, em sua grande maioria, reunidas nas comemorações religiosas à jovem santa – mostra que parte significativa das moças incorporavam em sua subjetivação as crenças e os princípios religiosos. Esse episódio é revelador do consumo das propostas católicas apresentadas às moças.

Em outras crônicas, é possível depreender a forma de atuação de algumas moças que procuravam conciliar as práticas religiosas com a vida festiva e mundana: elas participam das festas religiosas e, ao mesmo tempo, do Carnaval, vão ao cinema, não aceitando as proibições regulamentares das associações religiosas. Nesse contexto, conjecturamos o relato do cronista do Jornal *O Piauí* sobre o comportamento de uma senhorita:

Mademoisele mesmo é um exemplo. Ainda outro dia, quando quis gozar a encantadora loucura pagã das festas de Momo, a quem foi que se dirigiu para poder ter, no pecado, a paz de espírito e a alegria da alma? Foi à sua consciência? Foi a seus pais?

Não foi em São Benedito, em cuja Igreja nós a vimos entrar domingo de carnaval, à tardinha, humilde e contrita, como se lhe houvesse transfundido na alma a tristeza solene da luz agonizante.

Mademoisele rezou e depois foi à festa dos Fanfarrões (VIDA SOCIAL, 1926, p. 04).

O comportamento da supracitada senhorita, que não abria mão de se alcunhar como uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos, mas, ao mesmo tempo, assumia padrões modernos no vestuário e na forma como participava das festividades consideradas mundanas pela igreja, parece ser o caminho de subjetivação presente no meio feminino.

As estratégias mais intransigentes, usadas principalmente pela Igreja Católica – que procurava homogeneizar os comportamentos femininos, afastando as mulheres de espaços reputados como impróprios para elas, como o Carnaval e os cinemas – parecem ter sido, em muitos casos, desrespeitadas. O caso comentado pelo redator do jornal *O nordeste*, relativo à moça associada às Filhas de Maria, que deixou a congregação depois de ter sido punida por participar de festas carnavalescas, mostra

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

que a igreja tinha grande influência sobre os comportamentos das mulheres que, em grande parte, aceitavam as ideias católicas e se subjetivavam como mães e esposas devotadas à família. Porém, não abriam mão, particularmente enquanto solteiras, de participar dos momentos de convivência social, onde rapazes e moças podiam se encontrar e começar algum tipo de aproximação.

As mulheres, pelo menos como estratégia existencial, absorvem de forma significativa as ideias de disciplina e recato. As proibições, que restringiam a vida das mulheres aos espaços domésticos, diminuem, até porque a dinâmica social moderna exige que elas frequentem os espaços públicos, saiam de casa para ir às escolas e a outros locais de sociabilidade familiar. Se, muitas vezes, a presença de familiares acompanhando as moças mostra a continuidade de práticas tradicionais e uma certa desconfiança quanto à eficácia das novas estratégias disciplinares, as oportunidades de burlar essa vigilância multiplicam-se.

Não obstante, para as mulheres terem a oportunidade de comparecer e aproveitar os espaços públicos, foi preciso que elas se comportassem como mulheres disciplinadas, que a todo momento denotam, por meio de suas posturas e seus comportamentos corporais, que são mulheres direitas, moças de família, sérias, e devem ser respeitadas e tratadas como tais. Incorporar essas posturas seria fundamental para elas distinguirem-se no meio social daquelas que não se enquadrassem no paradigma de moça de família (RAGO, 2011).

Era necessário, portanto, que as mulheres estivessem atentas às condutas, pois para elas, os riscos de algum prejuízo moral sempre existia, tendo em vista que exagerar no flerte, brincar com vários rapazes em uma mesma tarde de passeio, era inadequado para moças de família: *E então não é hipocrisia? E então fazer o flerte com dois, três, cinco, inúmeros rapazes, finalmente, é um procedimento impecável? Quem diria? Ninguém, talvez eu, por exemplo, julgava o seu temperamento diferente* (VIDA SOCIAL, 1926, p.04).

Os momentos de lazer juvenil, de frequência aos bailes, ao cinema e mesmo ao passeio público, eram indispensáveis para as moças conviverem com os rapazes e darem início a namoros e noivados, cercados de vigilâncias e cautelas. Nesses momentos, a formação moral incorporada nas práticas corporais, adquiridas com a escolarização, deveriam atuar sobre os corpos, particularmente sobre as mulheres,

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

inibindo a expressividade dos desejos mais íntimos e criando intermediações discursivas que mantivessem os corpos afastados de contatos audaciosos, os quais poderiam pôr em risco as estratégias familiares.

A vida feminina, marcada pela frequência aos bailes, ao cinema, aos passeios e ao jogo do flerte na Praça Rio Branco, era momento fugaz nas trajetórias de vidas femininas. Escolhidos os pares, realizadas as ritualísticas de praxe no namoro e depois no noivado, seladas as alianças familiares, as mulheres alçavam outra condição na vida: tornavam-se senhoras casadas, onde as responsabilidades com o marido, a casa e, em seguida, com os filhos, cobriam delas tempo e dedicação.

Nessa nova fase da vida, deveriam lançar mão dos princípios e aprendizados adquiridos na formação escolar, desta feita como mulheres casadas, nas funções de esposa, e depois, como mães. Nesses papéis sociais, as mulheres eram definidas como o ponto de equilíbrio, de sustentação da família. Diante dessa condição, deveriam atuar como pessoas que encontravam na fé e na prática da oração a força suficiente para serem incansáveis, na luta serena e contínua para vencer as dificuldades familiares, para manter a tranquilidade no lar, e bem-sucedidas na tarefa divina de educar os filhos, de encaminhá-los na vida.

Ademais, tendo em vista sua base sólida de vivência da religião, as mulheres deveriam ter a capacidade e a sabedoria de tudo perdoar e, com isso, assegurar aquele que deveria ser seu interesse maior: o equilíbrio e a união familiar, a boa formação religiosa dos filhos e a conscientização dos familiares no sentido de vivenciarem a fé.

A discussão sobre a escolarização das mulheres tinha como uma de suas principais justificativas o adequado exercício da maternidade. Delas cobrava-se não apenas que desfrutassem de boa vontade e dedicação para com os filhos, mas que tivessem disciplina, estivessem fisiologicamente preparadas para uma boa gestação, fossem saudáveis – para que não transmitissem doenças aos filhos – e, mais que isso: tivessem noções de higiene, nutrição, enfermagem. Seria esse aparato de saberes novos, legitimados pela ciência, que precisavam ser incorporados pelas mulheres na prática da maternidade (BESSE, 1999, p. 143).

Nessa perspectiva, das novas mães seria cobrado comportamento de devoção aos filhos. A maternidade era percebida agora como um sacerdócio, uma função a ser

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

exercida com a total entrega da mulher aos filhos (BADINTER, 1984, p. 201). As obrigações femininas não cessariam com os cuidados nutricionais e higiênicos, pois não bastava somente preservar a vida e a boa formação física dos filhos, já que a mulher seria responsabilizada, também, pela formação moral e espiritual da criança.

Se a maternidade era missão feminina, assim como o compromisso que as mulheres assumiam com Deus e com a pátria, o não cumprimento dos deveres inerentes a esse verdadeiro sacerdócio era encarado como falha grave, um desvio de comportamento imperdoável. Dessa forma, a discussão sobre a incúria materna se faz presente em artigos de jornal, onde a falta de atenção e cuidados maternos são apontados como motivações primeiras para os desvios dos filhos, que se entregam desde cedo à vadiagem, às bebedeiras, ao jogo, aos prostíbulos (BADINTER, 1984, p. 238).

Desviada dos deveres familiares, entregando-se ao mundo da fantasia, a mulher incorreria, segundo Elias Martins, no grave erro da negligência materna, no desprezo do lar e dos que nele vivem e esperam a orientação moral feminina. Se ela não exerce suas funções condignamente, a queda moral será concretizada nos passos seguintes dos filhos (MARTINS, 1910, p.17).

Se a mãe precisava ter cuidados com os filhos, com a formação moral, essa prudência deveria ser redobrada quando as atenções maternas se direcionavam às filhas, uma vez que mulheres eram percebidas como seres facilmente impressionáveis, frágeis, embora puras, precisando serem mantidas até o casamento. Se a virgindade das filhas era ponto central para a manutenção da honra familiar, a culpa por qualquer desvio era, em primeiro lugar, das mães, que não souberam orientá-las. A mãe deveria ser a amiga, a conselheira, aquela para quem as filhas não teriam segredos, a única a quem a intimidade sentimental e corporal deveria ser revelada – por isso mesmo, a principal responsável pela orientação das moças (BESSE, 1999, p. 114).

A prática escriturística dos católicos teve papel indubitável na divulgação e incorporação desse discurso disciplinador dos comportamentos femininos. As pregações nos sermões, nas aulas de catecismo, nos retiros espirituais, mas sobretudo nas escolas confessionais e nas associações religiosas marianas, foram

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

importantes meios de propagação de um saber que tinha como propósito definir as práticas femininas aceitáveis nos espaços públicos.

Era ensinada e exigida das mulheres uma rígida disciplina corporal, segundo a qual a moral feminina estava ligada diretamente à ideia de continência, de negação dos desejos sexuais. Logo, a mortificação do corpo estaria no centro de uma política de valorização da vida espiritual. A vivência da sexualidade só seria permitida às mulheres casadas, dentro de rígidas normas e exclusivamente com fins de procriação.

O discurso dos católicos ultramontanos (WERNET, 1987) obteve boa receptividade no meio feminino, à medida que o apego das mulheres ao catolicismo esteve presente na sociedade e era bastante refletida na documentação perscrutada. Os católicos souberam com muita eficiência criar mecanismos de divulgação de suas doutrinas e de seus princípios sobre a vivência da fé, e acerca dos comportamentos e das práticas familiares femininas. Se a Associação das Filhas de Maria congregava as jovens e fazia toda uma doutrinação que se mostrava eficiente, reunindo grande quantidade de moças católicas em seus quadros, as mulheres adultas e casadas ligavam-se ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus. As práticas dessas mulheres nos levam a designá-las como apegadas à vivência da fé católica, assim como a frequência a missas, a comunhão, ao confessionário, a participação em retiros espirituais, as cerimônias de entronização do Coração de Jesus nas residências católicas, a forma como participavam de eventos religiosos ou, ainda, como eram convocadas pelo Bispo Diocesano para participar de uma grande cruzada em favor da imprensa católica. Tais aspectos nos permitem ratificar que a tendência de aproximação entre mulheres e igreja, tão presente no mundo ocidental desde a segunda metade do século XIX, era vivenciada de forma significativa em Teresina (GIORGGIO, 1991).

Em síntese afirmamos que a Igreja Católica, no seu processo de reforma e de fortalecimento da instituição na sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX, criou fortes vínculos com as mulheres. Elas passaram a ter forte presença nos rituais e no cotidiano da religião. Nesse processo de captura do público feminino, a instituição lançou mão de algumas estratégias de ação, sendo uma das mais eficazes, a criação de instituições de ensino. Nelas se disciplinavam mentes e corações, faziam marcas duradouras e que seriam, em seguida, propagadas nas

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

famílias e na sociedade como um todo. Essa relação entre Igreja e mulheres, construída na cidade de Teresina na primeira metade do século XX, pode ser perceptível nas lembranças materiais, conservadas durante décadas por essas mulheres, como relíquias e provas da sua fé e devoção, e ainda existentes sob a guarda de seus descendentes: são velhos papéis, livros de oração, missais, fotografias, fitas do Coração de Jesus, da Associação das Filhas de Maria, patentes de Agregação ao Apostolado da Oração, anotações sobre retiros espirituais, imagens e quadros do Coração de Jesus e de santos – elementos que resistem ao tempo e dão testemunho dessa estreita relação entre igreja e mulheres.

### Referências

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade**. São Paulo: EDUSP, 1999.

CAES, André Luis. **Da espiritualidade familiar ao espírito cívico**. A família nas estratégias de reestruturação da Igreja Católica – 1890-1934. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

CARVALHO, Mirian O. Jales de. **Pequena história das alunas internas do colégio Sagrado Coração de Jesus (1937 – 1944)**. Teresina, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**. Teresina: EDUFPI. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 224-226.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí – 1850-1889**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, ano VIII. p. 22-52, maio de 1924.

**ESTATUTOS E REGRAS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**. Para as educandas do Colégio dirigido pelas Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena. Teresina. 1906.

FALCI, Miridan Brito Knox. **A criança na Província do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras; CEDHAL, 1991.

\_\_\_\_\_. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP; Contexto, 1997. p. 241-277.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

FREITAS, Clodoaldo. Coisas da vida. **A notícia**, São Luís, ano XXXIX, n. 10.606, 16 dez. 1908.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Deus, à Igreja, e à Pátria: os estandartes da família católica no século XIX. In: **História**, São Paulo, n. 11, p. 243-258, 1992.

GAMEIRO, Alvina. **A vela e o temporal**. Brasília, 1996.

GIORGIO, de Michela. O modelo católico. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (org.). **História das mulheres – O século XIX**. Porto; São Paulo: Edições Afrontamento; EBRADIL, 1991.

**MANUAL DAS FILHAS DE MARIA**. Rio de Janeiro.1920.

MARTINS, Elias. **Guerra sectária**. Teresina: Tipografia do Apóstolo, 1910.

NEVES, Abdias. **Um manicaca**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

PIMENTA, Dom Silvério Gomes. **Carta pastoral sobre a educação da mocidade. Mariana, 1912**. Petrópolis: Vozes, 1947.

PINHEIRO, Áurea Paz. **As ciladas do inimigo**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

QUEIROZ, Teresinha. Cinema invenção do diabo. In: **História, cultura e sociabilidades**. Teresina. Academia Piauiense de Letras. 2017.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 578 -606.

SOBRAL, Adalberto Dom. **A família cristã**. Carta Pastoral do Arcebispo de São Luiz - 1890. Petrópolis: Vozes, 1947.

VIDA SOCIAL. **O Piauí**. Teresina, ano XXXVIII, n. 50, p. 4, 5 mar. 1926.

\_\_\_\_\_. **O Piauí**, Teresina, ano XXXVIII, n. 60, p. 4, 17 mar. 1926.

**Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil**

WERNET, Augustin. **A igreja na sociedade paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.